

A POLIFONIA DAS IDENTIDADES EM: *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*POLYPHONY OF IDENTITIES IN: *REPORT OF A CERTAIN EAST*

Sergio Francisco Loss Franzin\*

**RESUMO:**

Este artigo possui como tema a problemática das identidades, sua conformação e efeitos. O objetivo geral consiste em revelar quais as principais identidades constituídas no romance *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum, e, por extensão, relacioná-las entre si e destacar os efeitos de suas polifonias para uma concepção de discurso e de conformação literária. Trata-se, pois, de um estudo de caso, conduzido pela análise do discurso e fundado em atuais discussões sociológico-filosóficas a respeito das identidades. Demonstra que as identidades são representações, produtos de conveniência, conformações inevitáveis de pessoas, coisas, objetos, lugares, concepções. Na obra em foco, as identidades são importantes instrumentos de significação, são matérias-primas que revelam um tempo, um espaço, pessoas, conceitos. A polifonia das identidades, em Hatoum, estabelece estilos, métodos e ideologias do autor, um dos quais a negação do exotismo.

**Palavras-chaves:** Identidade. Diferença. Polifonia. Discurso. Literatura.

**ABSTRACT:**

This article focuses on the issue of identities, their conformation and effects. The overall objective is to reveal what the main identities constituted in *Report of a Certain East*, of Milton Hatoum, and by extension, to relate them to each other and highlight the effects of its polyphony to a conception of discourse and literary conformation. It is, therefore, a case study conducted by discourse analysis and grounded in current sociological and philosophical discussions about the identities. Demonstrates that identities are representations, convenience products, inevitable conformations of people, things, objects, places, concepts. In the work focused, the identities are important instruments of signification, are raw materials that reveal a time, space, people, concepts. The polyphony of identities, in Hatoum, establishes styles, methods and ideologies of the author, of which the negation of exoticism.

**Keywords:** Identity. Difference. Polyphony. Discourse. Literature.

**1 INTRODUÇÃO**

Identidade é um termo cuja simplicidade aparente esconde um campo imenso de considerações. Defini-la é mais do que atribuir um conceito, em função da sua rarefação e diversidade de configurações. Nas obras literárias, ela traduz estéticas, contextos, figuras, espaços, concepções. Nas obras contemporâneas, que muitos dizem pós-modernas, ela surge

---

\* Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Rondônia, em Porto Velho, na função de Diretor de Desenvolvimento do Ensino. Mestre em Letras. E-mail: sergio.loss@ifro.edu.br.

como um problema constituidor de literariedade, em razão de mitos, neuroses existenciais, representações e outras formas de construção simbólica de discursos.

O problema da identidade se coloca como um dos fatos centrais do debate sobre a existência e as formas de relacionamento entre diferentes sujeitos. É também um problema de discurso, visto que os enunciados são constituidores de identidade, e especialmente eles, em cuja ordem está, dentre outros condicionamentos, a conveniência.

Há casos bastante singulares de constituição e reforçamento de identidades na literatura. A de Milton Hatoum é típica, visto que suas obras têm nas entidades discursivas seus principais focos de realização. Cada personagem é bem mais revelador do que o desenrolar de um enredo. *Relato de um certo oriente* (1989), por exemplo, enreda lembranças de vivências em família, mas os “fatos” e “casos” são subjacentes à pujança ideológico-filosófica que demarca as personagens centrais. É sobre esta obra que se fará um estudo aqui, na perspectiva das representações identitárias e da identidade dessas mesmas representações. Tem-se por objetivo geral revelar quais as identidades constituídas no referido romance hatouniano e, por extensão, relacioná-las entre si e destacar os efeitos de suas polifonias para uma concepção de discurso e de conformação literária.

Trata-se, pois, de um estudo de caso que entrelaça as teorias da análise do discurso e as abordagens filosófico-sociológicas correspondentes à identidade e à diferença.

## **2 EM QUE CONSISTE A IDENTIDADE**

Em princípio, como se deduz de Silva (2000), a identidade é a conformação existencial de um ser, objeto, coisa. Tudo o que possui forma, então, nessa perspectiva, tem identidade: um conceito, um nome, um objeto, um conteúdo, um continente. A grande dificuldade, porém, está em estabelecer o que ela representa, o que ela traduz, quais seus efeitos, limites, duração, especificidade, positivismo, negatividade. Cria-se um todo caótico de onde deve emergir uma unidade não fechada, capaz de delimitar provisoriamente o objeto identitário.

De acordo com Silva (2000), é um processo de exclusões e manutenções que estabelece uma identidade, principalmente em relação com a diferença. Ela é produto das pessoas, cultural e socialmente determinado. Não existe em si mesma portanto, mas cada elemento da existência a possui. É algo formal, em contorno, substância, profundidade e

superfície; está sempre em oposição com a diferença, pois só se identifica algo num conjunto ou um conjunto dentro de uma proporção, se puderem ser percebidas as diferenças que tornam os elementos singulares, ressaltados, deslocados, marginalizados também. Ser homem, mulher, negro, não negro, homossexual, heterossexual, professor, aluno são condições das tantas que vão construindo identidade e identidades. O nome que se dá a algo ou alguém já é uma identidade, assim como a forma de falar, as digitais, as visões de mundo, as rotinas, as opções políticas. Por mais que essas representações se assemelhem com as de outras pessoas, elas continuam indicando identidades, inclusive coletivas, quando se individualizam proporcionalmente ao todo em face da diferença. Assim, há identidades de sujeitos e de grupos, inclusive de nações inteiras e do mundo. Afinal, ser humano, por exemplo, é uma individualização. E daí pode-se falar também de humano no sentido de alteridade.

A constituição das identidades se faz pela história ou conforme o momento. De todo modo, ela pode ser verdadeira ou pura encenação. Há pessoas que vivem personagens e há personagens que revelam muitas pessoas reais. Mas verdade e realidade são dois fatos difíceis de se apreender e definir, porque sempre relativos e impossíveis de ser totalmente certificados em função da mentira, engano ou inconsciência de quem as representa. O que cada um é pode ser uma percepção verdadeira ou falsa, de si ou dos outros. Um dos maiores indicadores de identidade é o discurso, e discurso na concepção de Foucault (2007, p. 9): são enunciados cuja representação é, não raro, metodicamente realizada. Afinal, diz ele, “[...] sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, num jogo de interdições que envolve “[...] tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado do sujeito que fala”. As identidades também se constituem dessa forma, quando expressas pelos enunciados ou por tudo aquilo que estes deixam entrever ou imaginar.

Os jogos de conveniência, que procuram delinear a imagem de quem se apresenta, são comuns no contexto social. As pessoas procuram se traduzir ou construir sua imagem conforme os benefícios que podem produzir. Por exemplo, tem sido comum a adoção de uma religião como forma de tentar se redimir de uma identidade considerada (ou dita) condenável. A ideologia religiosa é posta então como uma salvaguarda, um meio de construir identidades favoráveis à aceitação e redenção. Não se sabe quais os limites da verdade e da mentira de uma identidade, porque elas não são expressão absoluta daquilo que procuram traduzir, tanto pela imperfeição de sua própria natureza quanto pelo método de sua exposição, que, mesmo de forma insuficiente, procura demarcar contornos, provocar impressões. No meio político,

não é diferente, pois a imagem do governante salvador é facilmente desfalecida nos poucos meses de mandato de alguns (ou melhor, vários). Enfim, não é o meio (espaço físico ou contextual) que traduz ou dissolve, portanto, a identidade ou identidades. Os dois casos apresentados trazem estereótipos muito recorrentes, por corresponderem a uma exposição mais ampla e influente dos sujeitos envolvidos.

A televisão e as redes sociais, de que trata Hall (2001), por exemplo, são as mais importantes “máquinas” de construção de identidades. A primeira tem por mister fabricar e divulgar, enquanto as últimas, aceitar e congregar. De acordo com Silva (2000), a identidade se faz quando se encontra a diferença dentro da unidade, e unidade correspondente a um eu, um conjunto de eus ou uma combinação entre eu/eus e outro/outros. Em seu contraste com a diferença, cada identidade se apresenta delineada por no mínimo um tipo de singularidade, mas certamente é impossível haver apenas um dentre tantos prováveis.

Tem-se assistido ao esfacelamento de identidades na hipermídia. Elas estão cada vez mais provisórias, e a admissão da provisoriedade tornou-se um aparato comum para suas reconstituições. As lágrimas de arrependimento e o orgulho ou pseudo-orgulho por novas conformações identitárias revelam ordem, vontade de “verdade”, acontecimento e até loucura, conforme os princípios mesmos de constituição discursiva segundo a concepção de Foucault (2007). Há oposições expressas como drásticas, entre pornografia e evangelho, nessa ordem de exemplificação que vem sendo seguida aqui. Antes o capital; depois, o senso comum de uma redenção para o conforto. Há interseções sublimes ou subliminares, entre pornografia e politicagem, com as novas séries do liberalismo e o poder de sedução dos nichos corruptores. O passado que condena é quase presente, diante de um futuro que aceita reversões.

A identidade, tão severamente construída ou simplesmente automatizada no acaso, tem se tornado também inócua num mundo em que as justificativas proferidas não geram efeito para a superação das mazelas existenciais, como pobreza, falta de educação, precariedade da saúde e segurança. A assunção de uma identidade não é, pois, uma forma de redenção, nem salvaguarda ou segurança. É apenas um indício do que pode ser feito, cujas garantias são dificilmente conferidas, confirmadas ou asseguradas. Isso porque, de acordo com Bauman (2005, p. 21-2),

a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa conseguir construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e

protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Isso porque as identidades consistem muito mais num esforço de expressão de quem as demonstra do que na capacidade de percepção de quem as vislumbra ou espreita. Há muitas provocações meticulosas, como se fossem hologramas com virtualidades intensamente manipuladas. Os shows de identidade, inclusive, são constantes num universo e tempo em que o desejo de convencimento lança mão de diversos artifícios, lícitos ou não, ou ambos conjuntamente.

Nem bem, nem mal por si mesmas, as identidades podem ser a expressão de uma época ou de um grupo, como se percebe em *Relato de um certo oriente* (1989) e em outras obras de Hatoum. Todo relato, inclusive, traduz certo ou certos tipos de identidades, assim como as identidades traduzem relatos, visto que elas se estabelecem na e pela história.

### 3 EM QUE CONSISTE A POLIFONIA DAS IDENTIDADES

Há dois problemas de complexa expressão: a presença de identidades coletivas e a coexistência de identidades diversas compondo um agrupamento que tende a se confundir com unidade. Para este segundo caso, Bauman (2005, p. 33) traz um excelente exemplo, extraído de um cartaz encontrado nas ruas de Berlim e que ridicularizava a concepção de rigidez das identidades: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro.” Caso igualmente expressivo é o da letra da música “Disneylândia”, da banda brasileira de rock Titãs, encontrada no site letras.mus.br (2011):

[...] Literatura grega adaptada  
Para crianças chinesas da comunidade européia.  
Relógios suíços falsificados no Paraguay  
Vendidos por camelôs no bairro mexicano de Los Angeles.  
Turista francesa fotografada semi-nua com o namorado árabe  
Na baixada fluminense [...]

Há uma série de problemas relacionados à identidade, como o da originalidade/falsidade. São lançadas críticas ferrenhas contra aqueles que se dizem lutar contra a dominação estrangeira, mas usam etiquetas dos seus exploradores ou algozes. As marcas de tênis, roupas e carros são exemplos. Identificam *status*, gosto (pessoal?), desejos, ideologias. Entretanto, tudo isso pode ser falso. Muitas riquezas são aparentes, enquanto

certos gostos não passam de conveniência. Terno e gravata são marcas de identidade, assim como calças justas e rasgadas. Nesses casos, a etiqueta pode ser secundária, mas a identidade permanece.

O uso de roupas, veículos, celulares, discursos (expressões feitas) compõe, para cada objeto, uma identidade ou um conjunto de identidades, na soma de um mais um ou de um mais vários. Cada combinação pode ser motivo de inclusão ou exclusão, adesão ou desligamento. A simples escolha entre um sapato ou um tênis, ou entre um veículo pessoal ou de uso coletivo pode caracterizar uma identidade. Por isso, muitos buscam usar as mesmas roupas, os mesmos veículos e os mesmos discursos daqueles com os quais se querem parecer, formando uma polifonia de identidades volúveis, voláteis e bastante controversas, não raro. De acordo com Bauman (2005), vive-se uma sociedade líquida em que o paradigma agora é outro: a ordem para a mudança e não para a ortodoxia. E as pessoas mudam conforme a conveniência do agrupamento ou do realce. Ser é compartilhar ou suprimir, subordinar, subestimar até.

A conveniência é talvez a principal condicionadora das identidades, de modo que “fazer parte” é um estado provisório das pessoas e das coisas que elas produzem. Na hipermídia as inserções ou construções de identidade são feitas de modo forçado, premeditado, sempre às custas da boa-fé pública (resultante do despreparo coletivo) e do lucro financeiro. Televisão e computadores veiculam cada vez mais imagens que devem simbolizar algo em que os espectadores possam se apegar e assim duplicar identidades. Esse é um problema de subversão já antigo, mas cada vez mais trivial, haja vista a falta de durabilidade da maioria das identidades como modelo para a polifonia. O discurso pode permanecer mais do que a imagem, de modo que se poderia falar de identidade em eco.

Mas a polifonia das identidades revela muito mais do que a exposição de modelos em representação pública. Um mesmo sujeito vive ou se compõe de várias identidades. De acordo com Hall (2001, p. 12), em sua abordagem sobre a noção de ser sociológico, “[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” Na concepção do mesmo autor, de sujeito pós-moderno, que se poderia dizer aqui “sujeito contemporâneo”, a problemática se intensifica, pois, além da polifonia de identidades constituintes de um mesmo sujeito, ocorre ainda a transformação intensiva das identidades.

O fim da lealdade no trabalho, por exemplo, é uma das subversões de modelos esperados. De acordo com Bauman (2005, p. 36), “[...] há poucos motivos para se esperar que a lealdade de uma pessoa ao grupo ou organização seja retribuída. É insensato (‘irracional’) oferecer tal lealdade a crédito quando é improvável que ela seja recompensada.” Também a inversa deve ser considerada, sob a perspectiva de que indivíduos não possam garantir às instituições ou grupos a retribuição pelos investimentos que receberam. Desdobra-se, pois, mais um problema: o da confiança/desconfiança na identidade.

Hall (2001) e Bauman (2005) trazem uma série bem grande de discussões sobre identidades que vão sendo constituídas (e desfeitas, não raro), tanto as individuais como as de grupo. Demonstram que, em face da globalização (Hall) ou da sociedade líquida (Bauman), os contatos são fluidos e ao mesmo tempo extremamente voláteis. As redes sociais têm favorecido, pois nelas os contatos são fugazes, rápidos, fragmentados e, pode-se acrescentar, modistas e extremamente forçados pela conveniência. Facebook e Twitter são excelentes exemplos de ambientes para a construção de identidades falsas, voláteis, fragmentárias e provisórias.

Bauman (2005, p. 44) trata ainda de identidades que, impostas àqueles sem condições de escolha, “[...] estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...” Portanto, a assunção de uma determinada identidade ou conjunto de identidades pode ser acidental ou incidental, como forma de livrar-se de um estado de coisas ou de um evento dilacerador mesmo contra quem não costuma ceder às pressões para identificação. Nesse jogo, podem ocorrer também desprendimentos e guerra de identidades, chegando-se mesmo a se assumir uma não-identidade como meio de autoafirmação. Identificar-se é também negar-se.

Identificar-se é ainda esconder-se. Um dos mais célebres casos de identidade falsa — um outro problema a investigar — reflete-se no adesivo posto em vários veículos, com a seguinte expressão: “Propriedade de Jesus”. Tendo em vista que Cristo, segundo a ordem das religiões mais populares, é benevolente e não apegado a bens materiais, esses veículos deveriam aparecer sempre ocupados também por quem não possui automóveis; todavia, o que se vê são cápsulas de ocultamento, cujas películas escuras escondem indivíduos solitários ou acompanhados quase sempre pelas mesmas pessoas de seu círculo.

O jogo das identidades (Hall, 2001), aqui considerado como a polifonia das identidades, no sentido de demonstrar que elas são formas de representação discursiva, compreende duas condições inevitáveis ao sujeito contemporâneo: a) assumir vários papéis ou

competências ao mesmo tempo (pai/mãe, trabalhador, companheiro, membro de grupo, líder, amigo); b) incorporar e refletir as diversas identidades com as quais convive, a fim de dar corda aos discursos e ao mesmo tempo se prevenir contra a exclusão, as forças de opressão ou o seu anulamento, parcial ou pleno. É por isso que diz Bauman (2005, p. 96):

Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter.

O sarcasmo do autor reforça que a humanidade se imbuí sempre das conveniências que lhe favoreçam à segurança e benefício. Todavia, não significa que a humanidade está com a identidade perdida; pelo contrário, está com as identidades sempre em jogo e, cada um, quando pode e quer, consegue estabelecer uma unidade para o caos das identidades que o constituem ou com as quais se depara.

#### **4 A POLIFONIA DAS IDENTIDADES EM *RELATO DE UM CERTO ORIENTE***

*Relato de um certo oriente* (1988) é o primeiro romance publicado do escritor amazonense Milton Hatoum. Suas obras são marcadas por traços identitários do conjunto em que elas se agrupam e revelam alegorias do espaço, crises existenciais e nuances de memória. O título do romance é bastante pertinente aqui: relatar é uma forma de expor e construir identidades. Por meio de um jogo de centramentos e descentramentos, Hatoum faz da identidade o principal sentido para seu enredo. Essa metodologia consiste num atributo literário que gera as principais forças da narrativa.

O romance corresponde à memória de dois irmãos, filhos de pais inominados, agregados ao seio de uma família por meio daquela que se faz matriarca, Emilie, a principal referência identitária dos acontecimentos. Oscilando entre momentos de benevolência e de opressão, ela controla excessos e consegue representar, ainda assim, a identidade dos que devem acolher, conduzir e sustentar. A narrativa flui por meio de correspondências trocadas, que multiplicam narradores e se constituem de diversos relatos, cada qual contribuindo para reforçar as identidades num jogo em que centramento e deslocamento são artifícios de expressiva significação. A isso pode-se relacionar o que Maingueneau (2006) chama de paratopia — a ocupação de um espaço virtual em que seja possível se constituir pelo tempo necessário à realização. Paratopia é, então, o campo de pessoas e processos, aberto no seio social como um entremeio de constituição, como um alargamento não físico. É dessa forma

nuanças de sua identidade e destaca um pouco de seu paradoxo, visto que era uma religiosa fervorosa, conforme se observa na obra (p. 45).

A identidade de Emilie também se funda no mito, que lhe dá, no caso, uma tonalidade sagrada, pela reunião de mãe, irmã, avó, amiga, conselheira e protetora num só ser:

Demorou algum tempo para que eu relacionasse o número de pulseiras aos filhos de Emilie. Nunca descobri de onde surgiram essas argolas delgadas que se reproduziram secretamente no leito do relógio. Nenhuma menção sobre elas encontrei nas cartas, e várias vezes me contive para não indagar à Emilie a origem do bracelete. Essa renúncia definitiva me convenceu de uma vez por todas que há segredos poderosos ou enigmas indecifráveis que certas pessoas levam dentro de si até a morte (p. 55).

A controvérsia sobre seu valor moral põe face a face solidariedade e opressão, aceite e negação do Outro. Diante dos aconselhamentos e doações feitos por Emilie aos indigentes do entorno, havia a impressão de absoluta beneficência. Todavia, diante da doação de alimentos ao filho da lavadeira da matriarca, um dos narradores pondera:

Eu procurava ver nesse gesto uma atitude generosa e espontânea da parte de Emilie; talvez existisse alguma espontaneidade, mas quanto à generosidade... devo dizer que as lavadeiras e empregadas da casa não recebiam um tostão para trabalhar, procedimento corriqueiro aqui no norte. Mas a generosidade revela-se ou se esconde no trato com o Outro, na aceitação ou recusa do Outro. Emilie sempre resmungava porque Anastácia “comia como uma anta” e abusava da paciência dela nos fins de semana em que a lavadeira chegava acompanhada por um séquito de afilhados e sobrinhos (p. 85).

O mito não vive apenas de perfeição, portanto. Sua identidade, nascida de gente comum, possui afetações, gravemente demarcadas pela exclusão e intolerância das diferenças. Mas isso se estabelece como um ritual, uma herança de identidade, porque Emilie praticava muitos atos de bondade, inclusive em favor de delinquentes sobre quem intervinha para soltá-los da prisão. Confirma-se, pois, que as identidades são construídas tanto historicamente quanto em função das conveniências e princípios de cada um ou grupo.

#### 4.2 A OPOSIÇÃO DE IDENTIDADES ENTRE OS DESCENDENTES

A família de Emilie, multifacetada identitariamente (o que não é surpreendente em termos da ausência de unidade, mas sim em relação às diferenças percebidas), possui dois elementos em oposição e perfis que se estabelecem com algumas singularidades.

Os filhos inominados de Emilie são identificados pela intolerância e a conseqüente opressão contra a irmã, Samara Délia, pelo fato de esta haver gerado uma filha sem ter se

casado. É o tipo de identidade que supõe homogeneização e controle de uns sobre outros, sem equivalência de direitos e sem respeito às diferenças das necessidades e interesses.

Samara é resistente, mas não emancipada. Viveu acuada pelos irmãos, escondida durante a gravidez. Possui capacidade administrativa, pois conduzia com eficácia os negócios da família, na loja Parisiense. Sua filha seria um estereótipo infantil, não fosse surdo-muda e bastante perspicaz. A morte da menina, por acidente, comoveu a família, mas não os irmãos inomináveis de Samara, mantidos insensíveis e intolerantes.

Hakim, irmão de Samara, possui uma identidade trivial, sem grandes complexidades existenciais e de pouca expressão para a narrativa: “O peso do corpo e da idade tornara-o um pouco corcunda, mas mantinha a mesma elegância de outrora e adquirira a gentileza descompromissada de um solteirão solitário e bonachão” (p. 30). Diferentemente de Samara, que era “teimosa, resoluta e orgulhosa” (p. 151), Hakim é apenas um símbolo de boa-ventura ao qual se pode apegar para uma representação existencial positiva.

Os filhos adotivos de Emilie, além de inominados, possuem um outro problema de identidade: sua origem. Não se diz quem são seus pais, embora Emilie apareça considerada como mãe — no sentido matriarcal — e os filhos dela como tios. Além disso, a identidade dos adotivos é pouco preenchida ou pouco diversa, pois se limitam a contar muito mais sobre os outros do que sobre si. Como o discurso é uma forma de constituir identidades, falar sobre si é uma estratégia importantíssima para representação. Sabe-se mais da filha adotiva que do filho, visto que sobre ela há mais histórico — inclui-se um tempo de estadia numa clínica de reabilitação, mas se excluem os motivos da permanência. Os adotivos se integram à família muito mais pela relação com Soraya Ângela, porque as demais vivências limitam-se à observação do comportamento dos outros.

#### 4.3 A CONFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

As origens são importantes componentes de identidade porque denotam costumes, crenças, comportamentos, linguagens. Nomes como Mentaha, Hindié, Yasmine são dados como estranhos (p. 23). Ao serem associados às origens libanesas comuns ao espaço ocupado, Manaus, remetem a um outro espaço, estrangeiro, e o multiculturalismo toma maior forma. A existência de falas em árabe (p. 29) denuncia confluências, provoca regressões, reformula ou recupera identidades. Alguns costumes são evidenciados: “Antes de meia-noite, a vitrola

tocava canções portuguesas e orientais ritmadas com palmas, e os vizinhos estrangeiros, vestidos a caráter, vinham cumprimentar Emilie e assistir às filhas de Mentaha dançarem após a ceia” (p. 38).

A diversidade de identidades pode ser motivo de angústia, uma vez que os sujeitos constituidores das identidades e por elas constituídos ainda estão em busca de uma unidade relativa ou parcial: “Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com um outro na Parisiense. E às vezes tinha a impressão de viver vidas distintas” (p. 52). De acordo com Hall (2001, p. 38), “[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento.” É o que se depreende do relato de um dos narradores principais, no trecho dado. O contato com a diversidade é um fato gerador de identidades, por meio de uma confluência inevitável e bastante enriquecedora. Essa confluência também é marco nas obras todas de Hatoum, onde o nacional e o estrangeiro, o local e o distante estão intensivamente em jogo.

Na mesma condição aparece o fotógrafo alemão Dorner, amigo da família, narrador de um capítulo onde amplia as revelações sobre o núcleo de Emilie (incluindo a morte etérea do irmão dela, Emir) e apresenta algo mais sobre multiculturalismo, diferença e indiferença: “Nunca me perguntaram se eu era religioso, mas talvez condenassem secretamente este estrangeiro que vivia no mato entre os índios, que nunca entrara numa igreja, e no entanto podia rezar uma Ave-Maria em nhengatu” (p. 69). A identidade estabelecida ao outro se constrói agora pelas aparências relacionadas a conceitos fundantes de essência, que excluem pelo preconceito e condenam pelo não compartilhamento de costumes e crenças. A presença de Dorner é, portanto, tão lúdica (literária) quanto filosófica, mas os discursos conceituais e de crítica ao comportamental são comuns nas falas de outros narradores também, demarcando a presença intensiva de intelectuais na obra.

Os estrangeiros que confluem não são apenas aqueles que vêm de um exterior distante. Estrangeiros entre si caminham lado a lado. A lavadeira, Anastácia Socorro, era estrangeira na sua condição de subalternidade e exclusão, mas com o tempo estabeleceu-se uma intimidade que confluiu identidades, por meio da implicação e comprometimento na família de Emilie. Hindié, antes identificada pelo cheiro e robustez do corpo, passou a ser confidente e elemento transcendental para Emilie, pois a ela, a amiga, foi confiado o segredo dos pertences da matriarca.

#### 4.5 A IDENTIDADE DO ESPAÇO

Tempo e espaço são matérias-primas nas obras de Milton Hatoum. A recorrência ao Amazonas, Manaus, rio Negro e as ambientações formadas traduzem fortes identidades, constituem mesmo uma personificação. Não é esta passagem que singulariza o espaço: “[...] a claridade solar, o canto dos pássaros, o vozerio das pessoas” (p. 28), e sim estas: a referência a um gato maracajá (p. 37), o calor exorbitante (p. 40; 149), a metáfora do gavião (p. 42), a alegoria do encontro dos dois rios formando um terceiro (p. 50), as viagens de canoa (p. 62), a gravidade das águas do rio Negro (p. 64), o gigantismo das árvores (p. 73) e, dentre outras, a presença humana típica:

[Dorner] afirmava que o gesto lento e o olhar perdido e descentrado das pessoas buscam o silêncio, e são formas de resistir ao tempo, ou melhor, de ser fora do tempo. Ele procurava contestar um senso comum bastante difundido aqui no norte: o de que as pessoas são alheias a tudo, e que já nascem lerdas e tristes e passivas (p. 83).

Como as identidades estão sempre em construção, um mesmo espaço, transformado em outro, constitui uma nova cidade: “uma praia de imundícies, de restos de miséria humana, além do odor fétido de purulência viva exalando da terra, do lodo, das entranhas das pedras vermelhas e do interior das embarcações” (p. 124). Sensações, crenças, expectativas são fatores que deflagram identidades do e no espaço. A amazonicidade ainda não é abundante aqui, mas se tornaria logo depois, especialmente a partir do romance *Cinzas do norte* (2005), do mesmo autor. Ainda assim, a constituição do espaço é meta fundamental, assim como a descrição dos movimentos que nele se ensaiam. Exemplo: “Mudar de casa traz revelações, deixa mistérios, e na passagem de um espaço a outro, algo se desvenda e até mesmo o conteúdo de um pergaminho secreto pode tornar-se público” (p. 52). As revelações encenam identidades, e vice-versa; daí que explorar cenários e movimentos é uma forma de obter clarividência.

A conjugação do elemento humano com o espaço corresponde a um jogo de identidades, já reveladas e em revelação. A presença de Dorner em Manaus é bem providencial para uma demonstração da diversidade propalada e discutida na obra:

Sua voz era tão grave quanto seu nome, e falava um português rebuscado, quase sem sotaque e que deixava um nativo desconcertado, a ponto de só não o confundir com um amazonense por causa do aspecto físico: era mais alto e mais loiro que todos os alemães da cidade, e se vestia de um modo bastante peculiar para a época (p. 59).

De acordo com Giddens, citado por Hall (2001, p. 72), “[...] o que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a ‘forma visível’ do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.” A presença do outro é riquíssima, acrescenta valores, altera formas. A mesma presença citada pode não produzir a mesma curiosidade hoje, em vista da miscigenação incontínente, mas tanto ela quanto outra sempre produzirão um novo cenário. Basta pensar na alegoria do caleidoscópio no contexto da inclusão social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade é sempre uma forma de representação deslocada de um todo, em face da diferença e para produzi-la. Não corresponde apenas ao produto de uma vontade, mas também à representação inevitável de tudo quanto existe. Conforma-se pelo nome, conceito, forma, cheiro, superfície, movimento (escolhas, posturas, efeitos, causas). Pode ser produto de uma afirmação ou de uma negação, ou das duas coisas ao mesmo tempo. Não é isolada, está sempre em associação com outras identidades, conformando um mesmo objeto, vários ou pondo em jogo objetos diferentes e independentes entre si. Tais objetos de conformação identitária são pessoas, instrumentos, coisas, concepções.

Ao longo do tempo, as identidades desprenderam-se cada vez mais das ortodoxias para se constituírem como entidades abertas, diversas, múltiplas, intercambiáveis, ambivalentes. São muito mais um produto das conveniências do que arquétipos metódicos, do tipo que caracterizavam o homem como centro do universo ou determinados “príncipes” (de Maquiavel, de Gramsci) como verdades inabaláveis. Sua conformação é extremamente contextual, de modo que os processamentos interiores são provocados por indução, dedução e espontaneísmo.

As relações que as identidades possuem ou estabelecem entre si configuram a unidade provisória e parcial dos seus objetos e criam jogos de inter-relação com efeitos surpreendentes: no discurso, geram enunciados providenciais, construindo na literatura argumentos de grande ludicidade. Em *Relato de um certo oriente*, todas essas considerações se confirmaram. As identidades foram utilizadas como matérias-primas para a exposição de símbolos e ícones, relatos e inferências.

A polifonia das identidades, em Milton Hatoum, estabeleceu estilos e métodos do autor, além da ideologia de negação do exotismo, que chegaria ao máximo de sua exposição nos contos de *A cidade ilhada* (2009). *Relato de um certo oriente* é uma obra intrincada pelo jogo de narradores e o jogo de esconde-esconde, em que cada identidade reverbera um tempo, um espaço e um conjunto de acontecimentos que comprovam a singularidade do ser e estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Entrevista a Benedetto Vecchi).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15.ed., São Paulo: Loyola, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2001.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Cinzas do norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

TITÃS. **Disneylândia**. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/titas/86548/>>. Acesso em 12 de março de 2011, às 21:26 h.